



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

“PÍLULAS DA CULTURA”: UMA ESTRATÉGIA TEATRAL DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR

Antonio Martins Oliveira Júnior¹; Laís de Cássia Augusto²; José Oliveira Parente³

UFGD/FACALE – Caixa Postal 322, 79.825-070 – Dourados – MS, E-mails: junao-martins@hotmail.com; laysdecassya@hotmail.com; zeparente@ig.com.br.

¹Bolsista de Iniciação à Docência da UFGD. ²Bolsista de Iniciação à Docência da UFGD. ³Orientador, Professor FACALE.

Ser bolsista do PIBID implica em ministrar aulas em escolas do município de Dourados, e no nosso caso, ministrar aulas de teatro, objetivando o contato de alunos do ensino regular e médio com esta arte que, de várias maneiras, causa reflexão. Além de irmos às escolas ministrar nossas aulas, nos propomos a mostrar aos alunos e para toda a comunidade escolar um trabalho cênico próprio. Surgem, a partir disto, as chamadas “Pílulas da Cultura”. Estas “Pílulas” consistem em esquetes teatrais que têm como principal objetivo levar teatro às escolas contempladas pelo Programa e são montadas a partir da escolha de textos infantis (ou não) e a sua adaptação para a linguagem teatral. Houve ótimas escolhas de textos, e cada “Pílula” tem o seu público-alvo. Foram elas *Náufragos*, *Don Juan*, *A Bolsa Amarela*, *Fala comigo doce como a chuva* (fragmento), *A alma boa de Setsuan* (fragmento) e *A Ideia que muda o mundo*, que é o objeto de análise deste artigo. Para a criação desta “Pílula”, pesquisamos as referências do Teatro para crianças. Analisamos a vivência dos atores/professores, bolsistas do Programa, com o processo de criação da “Pílula” *A Ideia que muda o Mundo*. Discorremos primeiramente sobre a escolha do texto, além de levantarmos questões como o porquê de ser aquele texto, o que ele quer dizer, para quem é dirigido, bem como a sua recepção. Vão-se desenvolver no decorrer deste artigo reflexões sobre o processo de criação e montagem da nossa “Pílula”, bem como as respostas para as questões citadas acima. O objetivo é contribuir com a reflexão em torno das questões que envolvem o teatro no contexto das escolas públicas, por meio da estratégia das “Pílulas da Cultura”.

Palavras-chave: Pílulas da Cultura. PIBID. Teatro.

DESENVOLVIMENTO

Em 2013, em um dos encontros periódicos do PIBID de Artes Cênicas, os professores coordenadores apresentaram para nós a ideia das Pílulas da Cultura. Formou-se então um grupo de seis bolsistas e um deles fez a sugestão do texto. A nossa Pílula (*A Ideia que muda o Mundo*) consiste no fragmento de uma dramaturgia maior, escrita por Cesar Sinicio, dramaturgo e multi-artista. O texto original intitula-se *O menino que roubava o tempo* e conta o mito da criação de uma tribo e do seu primeiro ancião.

“A peça é um musical infanto-juvenil com grande apelo para todas as faixas etárias, tendo, ao mesmo tempo, uma mensagem mais direta e simples, dirigida ao público mais jovem, ao lado de um sentido profundo, que o público adulto é capaz de absorver.”

(SINICIO, Cesar. 2013).

A ideia da nossa Pílula surgiu, portanto, da sugestão de Ana Carolina Sinicio (irmã do autor do texto original). Após sentarmos juntos, os seis bolsistas que se propuseram a montar a Pílula a partir da fragmentação desse texto, estudarmos sua dramaturgia e escolhermos o fragmento que seria a nossa esquete, nós começamos a preparação e os ensaios. No início era um pouco nebuloso o que sairia daquela proposta, mas, como os professores coordenadores Carla Ávila e José Parente nos ajudaram no que diz respeito à direção da esquete, ela foi ganhando forma, corpo, voz e movimento.

Houve algumas conversas com o dramaturgo Cesar Sinicio, que nós decidimos que também poderia ter forte influência no nosso processo, além de assistirmos online o espetáculo original, para que, assim, nós tivéssemos alguma ideia de como seria a estética da Pílula. Tiveram inúmeros encontros para ensaios que nós íamos apenas para ler o texto, tanto o original como a nossa adaptação, com o objetivo de nos familiarizarmos com ele, antes que houvesse uma divisão de papéis. Quando ocorreu essa familiarização e essa divisão de papéis, nasceu a Pílula da Cultura que nós intitulamos como *A Ideia que muda o Mundo*.

Cada ator criou os movimentos, as partituras corporais e as ações físicas que correspondem ao seu personagem, bem como a sua voz e a intenção nessa voz, uma vez que cada personagem exige um corpo, uma voz e uma energia diferentes. O processo de criação deu-se após muita leitura do texto e ideias advindas de todo o grupo, tendo sido uma criação completamente coletiva, aonde, nos diversos ensaios, cada ator mostrava para o grupo algum movimento ou alguma partitura que pensara para o seu personagem, ao passo que os que viam davam a sua opinião. No início o grupo era quem dirigia a esquete, até o dia em que nós mostramos para os professores coordenadores do PIBID, José Parente e Carla Ávila, o que tínhamos criado, para que eles interferissem e nos ajudassem a melhorar a esquete. Os dois nos ajudaram no que dizia respeito à limpeza do corpo e das nossas ações, para que a cena não ficasse “suja”.

Após criarmos o corpo, a voz (mais a sua intenção), nós começamos a pensar no figurino e na maquiagem. Como a Pílula foi criada e pensada inicialmente para um público infanto-juvenil nós começamos a pensar em outras maneiras para chamar a atenção do público que não fosse apenas o texto e o nosso corpo. Decidimos nos concentrar nas cores, muitas cores. Cada ator usa um figurino que investe em diversas cores, para que a cena pudesse ser segurada, pelo menos visualmente.

Outro instrumento teatral pensado para chamar a atenção do público foi a maquiagem. Decidimos experimentar o *clown*, ou palhaço. De início pensamos no palhaço por causa do óbvio: crianças gostam de palhaços. A consequência disso para os atores foi inesperada: a maquiagem de palhaço e a atitude de assumir essa *persona* fez com que a cena ficasse mais fácil de ser feita. Em cena, nós brincamos muito com as brincadeiras e palhaçadas, e isso foi criado antes sequer de nós termos pensado na maquiagem. Queremos dizer que, após colocarmos a maquiagem de palhaço, ficou mais fácil de serem feitas as brincadeiras que a cena exigia.

Uma terceira forma que nós pensamos para segurar a atenção do público foi o uso da sonorização. Utilizamos de música ao vivo e brincamos com sons de vários instrumentos, como o violão, o carrilhão, a alfaia e as vozes dos atores. Em cena nós cantamos três músicas. A primeira delas é uma pequena canção composta pela multi-artista Ana Carolina Sinicio, que também compõe o elenco, e a letra é:

Somos pequenos gigantes

A caminhar pelo mundo

E bem lá no fundo do bom coração

Nós só pedimos que preste atenção

Na história que vamos contar

Já a segunda música é de conhecimento de muitas pessoas, e é “Aquarela”, do compositor Toquinho, e esta se estende do começo ao fim da esquete, uma vez que nós fazemos uso de fragmentos da canção. A terceira música é outra criação do grupo, cuja letra é:

Não chora, não chora

Levanta e vem brincar

Que o dia aqui fora

Foi feito pra cantar

E, além disso, ainda falando em sonorização e sonoplastia da Pílula, ela é feita de outras intervenções sonoras feitas pelo ator-sonoplasta Bruno Lima. Estas outras intervenções sonoras são feitas em momentos oportunos, que dialogam diretamente com o que está acontecendo na esquete, como momentos de tensão e chegada de novos personagens. As

intervenções são compostas pelo toque de acordes graves do violão e toques sutis no carrilhão.

“Eu acho que a música na Pílula é obrigatória. A música dá uma identidade ao espetáculo. No caso da nossa Pílula, da estreia até o último dia de apresentação, qual foi a música que fizemos uso do começo ao fim? Aquarela! Por que? Porque ela dialoga diretamente com o texto. Eu prefiro muito mais assistir a um espetáculo com música ao vivo, por isso fiz disso a minha função na Pílula. Os atores cantando e tocando os instrumentos ao mesmo tempo que estão em cena... É fantástico! Eu penso que isso prende mais o público ao espetáculo. O convida para conhecer e para querer mais daquilo.”

(LIMA, Bruno. Sonoplasta. 2014).

Depois de todo esse processo de criação e montagem, nós estreamos na Unidade I da Universidade Federal da Grande Dourados. O evento era um congresso do curso de História e o público não era o público que nós visávamos quando criamos a Pílula. Pensamos nela para um público infanto-juvenil e tudo nela foi pensado para este público. Neste evento havia apenas professores mestres e doutores na área da História, o que foi o bastante para nos deixar preocupados. Subimos no palco e fizemos o que fomos fazer: teatro. E a mágica aconteceu no momento em que, sem combinar, os seis atores desceram do palco e foram fazer teatro ao lado da plateia. Conseguimos conquistar aquele público adulto naquela estreia e a partir daquele dia as outras apresentações (para crianças e adolescentes) só foram melhores.

“Foi uma novidade! Porque eu nunca tinha feito nenhuma montagem perante a um projeto... e achei bastante interessante ter feito, porque foi tudo a ver a nossa Pílula com o que estava acontecendo no PIBID... e me ajudou muito com a coletividade também, a aproximação das pessoas fez com que a montagem fluísse bem. Acho que deixou um gostinho de quero mais.”

(SAMPAIO, Larissa. Atriz. 2014).

Esta diferença de idade de um público para outro influencia diretamente nas apresentações não só da nossa Pílula, mas também com qualquer outro espetáculo, seja ele para crianças ou não. Em conversas do grupo após as apresentações chegamos à conclusão de que um público não é mais fácil que o outro, o que acontece é que o espetáculo/esquete em si, juntamente com o texto e o corpo dos atores é o que

conquistam o público. Com a nossa Pílula não foi diferente, nós a experimentamos com adultos, com crianças e com adolescentes, e o resultado final foi o mesmo: a conquista do público. Fizemos algumas perguntas a algumas pessoas que nos apreciaram e uma delas falou:

“Sim, era bem animado, e o uso da técnica da ‘blablação’ chamava bastante a atenção, por ser algo que ficou em um tom engraçado e bem relaxado.”

(PORTO, Alexandre. 2014).

Essa Pílula é uma viagem por um universo de contação de histórias complementada com músicas de artistas famosos (como “Aquarela”) e outras músicas de autoria do próprio grupo. A esquete começa quando a Ideia conhece o Ideal e os dois passam a seguir viagem juntos, enfrentando desafios e se comprometendo a fazer com que o Projeto funcione. O Projeto é um veículo que eles encontram abandonado no meio do caminho e, após não conseguirem fazê-lo funcionar, os dois o deixam sozinho com a Frustração trancada dentro dele. O clímax se dá quando a Frustração se torna Vontade graças à ajuda de duas borboletas, Amigo e Amiga, que descobrem o Trabalho em Equipe e faz com o que o Projeto finalmente funcione, plantando por aí as sementes de várias Ideias e vários Ideais, para que assim o Mundo possa ser mudado.

A arte do teatro é usada por nós, artistas-docentes, como metodologia de ensino e aprendizagem, e é por isso que, além de arte, profissão e hobby, ele pode ser uma poderosa ferramenta de ensino, além de ser um forte estímulo à aprendizagem (no caso da nossa Pílula, isso se dá pelo seu grande caráter didático-artístico), e nós, ao apresentarmos *A ideia que muda o Mundo* no ambiente escolar, tentamos fazer com que o teatro se torne esta ferramenta para os alunos-espectadores, além buscarmos a reflexão por parte deles.

A Ideia que muda o Mundo se tornou uma esquete reflexiva e devido o assunto que o seu texto trata e as questões que ele levanta: é válido desistir de uma busca por conta de uma frustração temporária? Caminhar ou não caminhar sozinho? Tentar ou não tentar sozinho? Essas são algumas de outras questões que nós procuramos fazer com que os alunos das escolas se façam. Pensamos que a reflexão por parte deles é o principal retorno desses alunos-espectadores.

Em fevereiro de 2014 nós apresentamos a Pílula na E.E. Floriano Viegas Machado e talvez esta tenha sido a melhor de todas as nossas apresentações, fato concretizado quando os alunos e os professores da escola que apreciaram pediram um bate-papo com os atores. Foi um retorno que nós tivemos que nos fez refletir sobre a importância daquele texto e do corpo e da voz que nós, enquanto artistas, demos para ele. Os alunos fizeram a sua devolução por meio de perguntas como *“você se apresentarão aqui novamente?”*, ou então *“é bonito ver vocês maquiados dessa forma e foi legal vocês terem trazido teatro para nós.”*

CITAÇÃO DA PROFESSORA ELZA SOBRE A APRESENTAÇÃO